

---

**CARLOS NOGUEIRA**  
**nem o tempo passa**  
**25.11.15 – 07.11.15**

“Já não é o resultado final que me apaixonava mas a pesquisa, apenas a pesquisa pela pesquisa. O oceano de poesia em que estamos emersos torna-se tão familiar que já não lhe prestamos atenção... É tudo visto em função do trabalho em curso e qualquer evento será, mais do que qualquer outra coisa, um pretexto para tirar notas e fotografias.” Carta de Michel Leiris a Zette, 27 de Outubro 1931<sup>1</sup>

Enquanto visitava a notável exposição “Leiris & Co” no Centre Pompidou-Metz recentemente, esta citação retirada de uma carta escrita por Michel Leiris à sua mulher, ecoou com as ideias que Carlos Nogueira tinha para esta primeira exposição na 3 + 1 Arte Contemporânea em Lisboa. Menos conhecido a nível internacional que muitos dos seus pares embora tenha feito projectos notáveis fora de portas: no Brasil, Itália, Suíça, a representar Portugal na Bienal de Veneza em 1986, uma intervenção escultórica impressionante na Praça *The Economist* em Londres em 1998 e convites de prestígio para discutir a sua relação com a arquitectura. As suas instalações site-specific e diferentes formas artísticas tendem a ser extremamente elegantes mas controladas, abstractas e angulares, próximas do Minimalismo, da Arte Conceptual, da Arte Povera e da Land Art. Para aqueles que não estão familiarizados com a sua prática, com alguma imaginação podemos talvez mencionar Robert Rauschenberg e as assemblages, Donald Judd, pelo desafiar as regras e pelo rigor, Richard Serra pela monumentalidade e o meio ambiente, On Kawara e os postais, Michelangelo Pistoletto e as suas pinturas espelho, mas também Carl Andre, Dan Graham e Cy Twombly por exemplo.

As “construções” e “desenhos” de Nogueira, e as suas notas e fotografias estão constantemente activas, informando-se umas às outras. A cronologia e datas têm pouca importância. O fluir da forma e do pensamento carregado para trás e para a frente através do tempo, a utilizar repetidamente certos materiais (ferro, vidro, betão, pedra, madeira) ou aplicando metodologias em ligação simbiótica com situações em mudança, paisagens, edifícios ou corpos. As suas investigações, sem resolução à vista, combinam o industrial e o elemental, o transparente e o opaco, a abertura e a resistência, o interior e o exterior, o raso e o volumétrico, a leveza e o peso. Preto e branco, os tons de cinzento castanho constituem o seu espectro central, com os ocasionais restos ou experiências com outras cores – e natureza.

Permanência é uma palavra com significado no vocabulário de Nogueira. Ele explica que adora viagens que começam e nunca acabam. A linguagem e as suas tonalidades particulares são materiais a utilizar. O título desta exposição é uma frase de um dos seus poemas que com frequência pontuam os seus catálogos ou trazem outras dimensões aos títulos das suas obras: <sup>2</sup>

OS VENTOS SOPRAM DO MAR  
AUMENTAM AUMENTAM  
DA NATUREZA DAS COISAS TUDO ACABA  
NEM O TEMPO PASSA

Este trecho guarda a essência deste projecto, em que Nogueira juntou trabalhos de diferentes períodos, que vê como ligados nesta ocasião específica. O que já existia toma novos significados. Como se fossem camadas de uma história, fragmentos que se sobrepõem, dois desenhos ou assemblages - *olhou para ele durante muito tempo. continuou então a desenhar* (1997) e *da sucessão dos dias e das noites* (2001) – ocupam o espaço com a peça, *desenho esquivo* (2015). Esta última é composta por duas janelas similares montadas em molduras metálicas – estas incorporam portadas velhas e encontradas, e elaborados painéis de vidro duplo industrial (um espelhado e outro opaco). Um dos longos elementos de vidro completa o equilíbrio geral da peça, repousando torto no chão. Torna-se claro que todos os simples detalhes têm que ser tomados em conta. Horizontais, verticais e várias linhas oblíquas aglutinam, divergem e pontuam o espaço. A geometria clássica, o design e o conhecimento arquitetónico têm claramente um papel dentro destas composições. Num ensaio de um catálogo de 2002, Caoimhín Mac Giolla Léith descreve o seu trabalho como “visão intensificada”, e continua: “os processos de desorientação geralmente utilizados por Carlos Nogueira são contidos e sedutores”. <sup>3</sup>

Ainda que “Ver” seja crucial, como sugerido, não o é apenas de uma maneira unidimensional. Múltiplas perspectivas são permitidas e a circulação encorajada. O transeunte não é condicionado mas pode abrandar ou ficar frustrado enquanto observa, por causa dos ângulos mortos colocados de propósito, ou dos vários reflexos: do que os rodeia, e deles mesmos. A escala doméstica da obra propõe um momento e relação de imersão íntima. A fisicalidade é potenciada pelas abundantes variações de textura. Sara Antónia Matos elabora sobre as

consequentes potencialidades: “Esta vertigem – prometida pela obra de Carlos Nogueira – consiste num lançamento para um vazio sem fundo onde se figura e apreende o real e a realidade, sabendo-os assim como verdade sem que se tenha necessidade de saber onde reside a verdade.”<sup>4</sup> No mesmo catálogo, Gisela Rosenthal pergunta: “Será que, para alcançar uma visão do real, é apenas necessário afastar-se a si mesmo e às suas projecções do centro da superfície imagética, prescindindo assim do protagonismo que o ser humano sempre se arroga em todos os acontecimentos?”<sup>5</sup>

Os primeiros 17 anos da vida de Carlos Nogueira em Moçambique trazem-lhe memórias intensas. Ele declara frequentemente que “nasceu onde o vento sopra de maneira diferente” e recorda o mar, o sol, o céu, o mato, os cheiros, o tempo, a tolerância, o rigor, a imensidão, as ligações, a tranquilidade. Estas impressões e a sua consciência aguçada das especificidades de cada lugar parecem emergir continuamente no seu trabalho com elegância, refinamento e simplicidade. Esta altura parece significativa no desenvolvimento da receptividade elevada de Carlos Nogueira ao estudo de um lugar: “Aprendo com cada lugar, com a direcção do vento, com as pessoas a passar, com a inclinação da montanha”. A conectividade e autonomia do Pavilhão Barcelona de 1929 de Mies van der Rohe vem à memória.

Uma instalação de ferro, vidro e som datada de 2006 é uma inspiração fulcral para esta exposição, *desenhos de construção com casa e céu*; foi fotografado a reflectir uma planta. Antes e depois. Uma ligação surge com os projectos para o exterior de Nogueira e este Outono a inauguração em Santo Tirso de dois projectos relacionados coincidem: *casa comprida com árvores* está no Parque de Esculturas. Este trabalho está intimamente ligado a *casa quadrada com árvore dentro* (2012) uma encomenda da Câmara de Vila Nova da Barquinha. Árvores existentes são abraçadas na sua base por uma estrutura de betão de quatro pernas ou escultura de protecção.<sup>6</sup> Para Nogueira, elas estão emparelhadas ou entrelaçadas com o jardim. A natureza torna-se na obra de arte. *E Nem Mesmo o Tempo Passará*.

“Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante - já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante - já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa.”<sup>7</sup>

Caroline Hancock, Agosto 2015  
(Tradução: Susana Pomba, Agosto 2015)

#### NOTAS

Excepto quando mencionado, as citações do artista são retiradas de uma conversa telefónica que decorreu em Junho de 2015.

1. No original: “Ce n'est plus du tout le but qui me passionne mais la recherche, seulement en tant que recherche. L'océan de poésie dans lequel nous sommes plongés finit par être tellement coutumier qu'on n'y fait même plus attention... Tout est regardé en fonction du travail en cours et n'importe quel spectacle sera, avant toute autre chose, prétexte à notes et photographies.” Carta de Michel Leiris a Zette, 27 Outubro 1931

2. Nogueira tende a desenhar os seus próprios catálogos. Este poema foi publicado em diferentes ocasiões, por exemplo, em *Carlos Nogueira. A ver*, Fundação Calouste Gulbenkian, Centre de Arte Moderna José de Azerdo Perdigão, Lisbon, 2002, p. 19.

3. Caoimhín Mac Giolla Léith, “Enhancing Vision: Sculptural Works by Carlos Nogueira”, op. cit., p. 30.

4. Sara Antonia Matos, “Do corpo do espaço ao espaço do corpo, uma vertigem sobre o infinito”, *Carlos Nogueira. . desenhos, construções e outros acidentes*, Fundação Carmona e Costa, Lisboa, 2008, p. 53.

5. Gisela Rosenthal, “A vida passa por aqui”, *Carlos Nogueira. desenhos, construções e outros acidentes*, Fundação Carmona e Costa, Lisboa, 2008, p. 27.

6. Parque de Escultura de Santo Tirso. Inaugura a 22 de Outubro de 2015.

<http://www.cm-stirso.pt/pages/331>

Vila Nova da Barquinha

<http://www.barquinharte.pt/casa-quadrada-com-arvore-dentro>

7. Clarice Lispector, *Água Viva*, 1973.